

— RUBEM BRAGA —

O santo suor

Esse menino que nasceu em Manilla com um coração tão grande que não cabe dentro do peito e fica batendo do lado de fóra; um outro menino meu conhecido, um menino pobre que, sendo levado pela primeira vez ao terraço de um arranha-céu manifestou sua impressão mais forte dizendo que “aquí a enchente não vem”; essa outomnal e melancholica dansarina La Meri que andou dansando por ahí: melancholica porque não nos trouxe pernas ageis e livres de dansarina jovem mas quasi apenas sentimento musical e talento dramatico; aquelle meu amigo que vi na tarde de hontem passeando com sua amada, e que ia terno, lento, sem geito, calado; e a propria tarde de hontem, desmaiada em ouro numa suave primavera; e o vento furioso que chegou de noite e varreu a cidade e arreventou os vidros das janellas e fez tanta gente acordar com o seu susto brutal e foi se embora de madrugada como um criminoso; esse homem pobre da França que sabe que vae morrer de repente do coração e que está vendendo os proprios olhos para não deixar a familia na miseria; essa imagem do Nosso Senhor do Bomfim da igreja de Nossa Senhora da Conceição do Passo de Camaragibe que está suando, suando, suando um suor denso como lagrimas em seu corpo de cedro — tudo isso são testemunhos de que a vida arde, natural e sobre-natural, que a vida avança para a morte e, além da morte, para outras vidas, com essa força triste de insistencia, da rude insistencia com

que os homens insistem em viver. Eu sei que o Santo de cedro não está suando por ser Santo, e sim por ser de cedro. E seus mysticos suores são physicas resinas. Mas que importa? Na verdade motivos não faltam para um Santo suar em presença deste mundo tão ardente de odios, tão cheio de calor de guerras iminentes.

Suae, oh Senhor do Bomfim, suae, suae, ganhae vossa maior santidade com o suor de cada dia. Suae, que o mundo anda errado e mesquinho. Vós, menininho de coração grande das ilhas Philipinas, vós haveis de morrer, que, si não cabe em vosso peito, muito menos neste mundo caberá o vosso generoso coração. Morrei, morrei. E vós, menino que olhaes do terraço, voltae, voltae para vossa casinha á beira-rio onde a enchente vos afogará. E vós, La Meri, dansae melancholicamente para vós mesma, e não para os outros. Tendes a arte, mas nossos olhos se voltam para as levianas dansarinas de carne jovem que dão coices no ar com as pernas sadias, porque na verdade nelas vive a força da vida. E vós, a grosso amigo, amae, amae que disseis não podereis fugir; amae sem geito e com ternura ao longo da rua na tarde ampla; e vós, oh tarde, dourae o mundo, e vós, oh vento, varrei a terra; e vós, oh homem de França, vendel os olhos. Porque na verdade eu vos digo que o Senhor do Bomfim está suando lagrimas pelo corpo, e o Senhor tem lá suas razões, tem lá suas razões!